

## QUARTO DE DESPEJO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESPAÇO NA OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

<sup>1</sup>Lara Gabriella Alves dos Santos

<sup>2</sup> Valdeci Rezende Borges

Carolina Maria de Jesus em sua literatura mostra sempre uma síntese de si, a imagem que tem dela própria e a de outros que compartilhavam de sua mesma condição. Nesse caso, os outros em questão são os indivíduos que como ela, habitava na extinta favela do Canindé na cidade de São Paulo ou viviam em condições de subalteridade na sociedade brasileira. Um relato do cotidiano direto e cru, onde se constrói uma representação forte e única da dinâmica social urbana, vista por aqueles que foram lançados à margem.

Este trabalho pretende descrever os aspectos espaciais da obra *Quarto de Despejo- Diário de uma favelada* a partir de contribuições teórico metodológicas da Topoanálise. O texto em forma de diário apresenta a realidade em que a narradora/personagem vive naquele lugar, e suas impressões sobre o mesmo. Espaço que se constrói e se valida por representações sociais, e que através da obra de Carolina se transforma em documento sociológico legítimo.

O espaço da narrativa, a favela, é apresentado por Carolina como uma analogia ao que ela intitula quarto de despejo, onde por varias vezes descreve ter a impressão de estar no inferno.

“Cheguei ao inferno. Devo incluir-me, porque eu também sou da favela. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo.” (JESUS, 2005 p.33)

Carolina pertenceu a um meio que a excluiu por não ser letrada e não conseguiu se encaixar numa sociedade erudita por sua historia de vida. Foi mulher de fibra, consciência racial e social. É uma escritora especial não pelo

---

<sup>1</sup> Psicóloga e Mestranda do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. [laragabriellapsi@hotmail.com](mailto:laragabriellapsi@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor doutor do departamento de História e orientador do programa de mestrado em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás- Campus Catalão. [valdecirezborges@yahoo.com.br](mailto:valdecirezborges@yahoo.com.br)

que escreveu, mas pela forma com que o fez. Ela abriu as portas da favela muito antes do assunto social eclodir na mídia e não foram apenas as suas palavras que perturbaram os leitores e a crítica, mas também sua figura peculiar, adversa e inesperada. Carolina não teve medo de expor e sustentar sua fala desvalorizada e sua obra sempre contou com uma aliada, a verdade marginal, ao abarcar o cotidiano conflituoso com os vizinhos e demais moradores do Canindé. A autora fez literatura de negros, escritura feminista, ao provar a opressão social e a negligência dos direitos humanos, colocou-se como exemplo vivo da diferença e da desigualdade (TOLEDO, p. 247-57; 2010).

O espaço literário é a soma do significado e das escolhas estéticas e formais do narrador, isto é, as estratégias narrativas em nível lexical e da narração, ou seja, da maneira escolhida para contar a história. Carolina Maria de Jesus descreve o espaço em suas características tanto contingentes, como também as de conteúdo e isso caracteriza os personagens, fazendo uma representação do vivido.

As favelas entre outras formas de apropriação irregular do território surgiram como uma solução encontrada por aqueles que nela habitam. É importante que se perceba que as favelas não são apenas um espaço isolado e caracterizado apenas por problemas socioeconômicos ou de infraestrutura, mas um ambiente em que abriga uma gama multicultural de pessoas vindas de várias partes do país. Carolina, por exemplo, chegou a São Paulo e viu no Canindé a possibilidade única de fixação. Para construir seu barraco carregou tábuas e materiais extraídos de uma construção próxima a sua casa. Esse era seu mundo e nele estavam os filhos e os cadernos que escrevia.

Olhando se para o contexto histórico cultural desenvolvimentista da São Paulo da época, temos uma experiência social narrada pelo sujeito cuja subjetividade se constitui fora dessa perspectiva moderna. O tema, o cenário, os retratos, há uma gramática da cidade e de sua degradação humana, constituída no transitório. Inúmeras vezes o espaço é a projeção psicológica da personagem, ou influência a mesma agir de determinada maneira.

Em vários momentos de seu livro Carolina demonstra essa influência quando como diz que os favelados estão aos poucos se convencendo de que para viver deveriam imitar os corvos, ou quando diz que não é desmazelada, e que se anda suja é devido à reviravolta da vida de um favelado. Neste último caso, o espaço estabelece um contraste com o íntimo da personagem, há uma heterogeneidade. Mesmo residindo na favela, no quarto de despejo, Carolina vive uma relação heteróloga com o mesmo. Carolina de Jesus não se conformava com sua vida de favelada e desenvolvia essa relação hostil com o lugar e até com os vizinhos. Esse espaço visto e sentido pela autora debate sobre a realidade da população de baixa renda.

A obra Quarto de Despejo- Diário de uma favelada de Carolina apresentou a favela aos brasileiros de classe média e ao mundo; mostrou como é morar e não residir na favela, como nesse trecho:

“Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o Jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.”  
(JESUS, 2005 p.28)

Carolina Maria de Jesus escreve para denunciar a favela e para sair dela; escreve também para, diferenciando-se dos outros moradores, lutar contra o rebaixamento a que estão sujeitos os miseráveis, num momento em que se anuncia novo salto modernizador de São Paulo e do país. (ARANHA, 2004)

A espacialização presente na obra é reflexa, onde o espaço é percebido pela autora/ personagem, dando efeito subjetivo à descrição. A vida dos favelados é feita de uma forma dramática e lírica, numa narrativa direta, seca e que se soma pela metáforização da linguagem: a ironia, a síntese, o paradoxo são recursos recorrentes para a construção desse cenário real. Gradientes sensoriais também estão presentes durante todo percurso que faz Carolina ao descrever seu cotidiano, como nesse trecho:

“... Na casa de dona Neném o cheiro da comida era tão agradável que as lágrimas emanavam de meus olhos...” (Jesus, 2005, p. 94)

Mesmo mudando em alguns aspectos, as favelas ainda seguem degradando o sujeito, e sendo uma úlcera aberta no cenário urbano. A essas classes subalternas da sociedade é atribuída ora uma passiva adequação aos subprodutos culturais distribuídos pela classe dominante, ora uma tácita proposta de valores, e em suma, da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação, assim como a linguagem, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes. (GINZBURG, 1998)

Para Carolina de Jesus a favela não é parte da cidade, mas sim uma úlcera na mesma. Por mais que o cenário e as perspectivas com relação às favelas mudem, elas ainda seguem em sua condição de degradação do sujeito. A construção de uma identidade num território dado se forma na experiência do espaço habitado e desenvolve, assim, com ele, um elo emocional. Desta forma, a percepção do tempo e do espaço afeta a sensação do lugar. Carolina rejeitava qualquer elo emocional com o Canindé; qualquer traço que a identificasse com aquele lugar.

Viver em uma grande cidade não implica dissolver-se na massa e no anonimato. A violência e a insegurança pública, a impossibilidade de abranger a cidade, leva a procurar na intimidade doméstica, em encontros confiáveis, formas seletivas de sociabilidade e de formação identitária. Os grupos populares saem pouco de seus espaços, periféricos ou centrais; os setores médios e altos multiplicam as grades nas janelas, fecham e privatizam ruas do bairro (CANCLINI, 1997).

A ideia de pertencer a um lugar ou a um grupo é tão antiga e necessária para o sujeito quanto respirar. É na interação com o outro que o “eu” realiza sua existência. O princípio da alteridade só tem razão de existir em relação ao outro. Ao publicar seu livro, Carolina de fato afastou-se simbolicamente de maneira irremediável dos moradores do Canindé, que recusaram à vizinha-autora. Para o público em geral, no entanto, ela era a “escritora da favela”. Os dois engessamentos identitários reproduziram a incompreensão e o preconceito de ambos os lados, tanto do lado do barro quanto do lado do

asfalto. O êxito da obra em termos de mercado permitiu à escritora comprar uma casa, de alvenaria no bairro de Santana. Com a mudança, encerra-se também o interesse editorial pela autora, que somente interessava à mídia e ao público enquanto favelada. Seu sucesso econômico acarretou-lhe o fracasso da carreira. Também no que diz respeito aos seus pares, a fama só gerou problemas.

Pensamos território como um “espaço” que se constrói, destrói e reconstrói, em uma dinâmica que relaciona as ações sócio-políticas e culturais, com ações humanas. Nesse sentido, articulamos destruição territorial e sua reconstrução ao processo de desterritorialização e reterritorialização. É válido esclarecer que a destruição não passa necessariamente pelo processo de desaparecimento ou fim da localidade, mas sim pelo processo de adquirir novos valores, novos sentidos. É na esteira da discussão sobre território, desterritorialização e reterritorialização que situamos Carolina Maria de Jesus e a favela. É em seu barraco e com sua escrita que Carolina busca a reterritorialização, seu espaço íntimo, resguardada da hostilidade exterior. (GONÇALVES; NASCIMENTO 2011)

### Referencias

ARANHA, SIMONE DA SILVA; **Sobre Carolina Maria de Jesus, o Quarto de Despejo e a Casa de Alvenaria.** Cadernos do IFCH. no 31. IFCH, Unicamp, 2004

BORGES FILHO, OZIRIS; **Espaço e Literatura: Introdução a Topoanálise;** Franca, São Paulo; 2007.

CANCLINI, NESTOR GARCIA. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

GINZBURG, CARLO. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GONÇALVES, ANA BEATRIZ RODRIGUES; NASCIMENTO, DENISE APARECIDA; **Favela, espaço e sujeito: Uma relação conflituosa;** Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2, p. 51-62, jul./dez. 2011.

JESUS, CAROLINA MARIA. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo, Ática, 2004.  
TOLEDO, CRISTIANE VIEIRA SOARES; **Carolina Maria de Jesus: A escrita de Si**. Lêtronica; Porto Alegre, julho de 2010.